

O GAÚCHO E A FIGURA SOCIAL DE DON PEDRO DE ANSOATEGUI

Alberto Yates Moroni¹

RESUMO

Este trabalho faz um levantamento bibliográfico a respeito do surgimento do tipo social do gaúcho. De seus relatos iniciais, em 1617, na Argentina, fez-se um relato sobre suas atividades na região do Prata. De posse disso, focamos a atuação histórica de um desses contrabandistas/gaúchos, intitulado Don Pedro de Ansoategui, popularmente conhecido no século XVIII por Dom Pedrito. Tentamos aqui descrever a atuação de Ansoategui com as atuações típicas dos changadores em atuação no Prata, e, em especial, focamos sua parceria com o então governador e comandante militar dos Dragões do Rio Pardo, Rafael Pinto Bandeira. Com referências da Geografia Histórica, aqui procuramos identificar o surgimento do tipo social dos gaúchos, caracterizar e fazer relações de Ansoategui com os gaúchos e com Pinto Bandeira, além de refletir sobre este gênero de vida e a cultura gaúcha, que então começara a desenvolver-se. Em uma fase inicial, esta pesquisa concluiu que Ansoategui desertou do forte Santa Tecla, e em seguida começou a contrabandear couro para ser trocado por fumo e escravos, diretamente com Pinto Bandeira. No final do século XVIII reincorporou-se ao exército espanhol, ainda participando da guerra de 1801 no Rio Grande do Sul, retornando ao forte de Melo, logo em seguida.

Palavras-Chave: Gaúcho; Don Pedro de Ansoategui; Dom Pedrito; Rio Grande do Sul; Pinto Bandeira.

1. INTRODUÇÃO

A disputa pela posse das terras na região do Prata, daria ao vencedor ibérico o controle do contrabando da prata vinda da Bolívia. No entanto, ao longo dos séculos, foi se adaptando e surgindo nesse território de fronteira, um tipo social muito apegado à lida campeira e às riquezas econômicas da região.

O surgimento do Gaúcho, em sua origem, ladrão de gado, e mais atualmente, o trabalhador/fazendeiro do campo, nasceu dessa disputa entre espanhol, português, Indígena Guarani/Charrua/Guenoa e escravo negro.

Neste caso em particular, procuramos fazer uma pesquisa bibliográfica a respeito de uma figura histórica que representa o gênero de vida dos primeiros changadores do Prata: Don Pedro de Ansoategui. Natural do norte da Espanha, este ex-soldado resolveu desertar e lucrar com o contrabando de couro e escravos junto ao então governador do Rio Grande do Sul, Rafael Pinto Bandeira.

Aqui, de posse do método desenvolvido por Lefebvre (1999) procuramos dentro da Geografia Histórica identificar o surgimento do tipo social dos gaúchos, caracterizar e

¹ Professor da rede pública estadual do Rio Grande do Sul

fazer relações de Ansoategui com os gaúches e com Pinto Bandeira, além de refletir sobre este gênero de vida e sobre a cultura gaúcha, que então começara a desenvolver-se.

2. METODOLOGIA

Ao realizarmos estudos geográficos e históricos, é necessário fazer a análise em um duplo sentido. Lefebvre (1999, p. 31) comenta que “um duplo movimento impõe-se ao conhecimento, desde que existem tempo e historicidade: regressivo (do virtual ao atual, do atual ao passado) e progressivo (do superado e do finito ao movimento que declara esse fim, que anuncia e faz nascer algo novo).” Partimos, portanto, do método utilizado por Lefebvre (1999), o método dialético analítico regressivo-progressivo, onde os processos históricos pretéritos deixam traços visíveis no espaço atual.

O método dialético torna-se, então, perfeitamente aplicável a pesquisas geo-histórias. Este método parte do concreto e procura abarcar a totalidade do problema, envolvendo as suas inúmeras variáveis. Sendo assim, o método dialético desenvolvido por Lefebvre busca estudar o objeto (seja a sua forma, função, processo ou estrutura) a partir da análise do presente, e a partir daí busca-se fatos na história que expliquem a formação de tal fato. E é nessa busca da formação ou evolução espacial que se dá o intrínseco casamento entre a Geografia e a História.

Martins (1996) comenta que o método de Lefebvre é composto de três momentos. No primeiro deles, em uma complexidade horizontal, deve-se buscar na paisagem visível a sua descrição e relações sociais. Já a complexidade vertical consiste em procurar no passado as origens de tais relações sociais, que explicam a formação de tal paisagem no presente.

O segundo momento é analítico-regressivo. É quando se estuda no passado as relações e origens dessas na sociedade que existia. E por fim, em um terceiro momento, deve-se retornar ao presente, utilizando-se de todos os conhecimentos produzidos pela pesquisa no passado.

Assim se configura o método Regressivo-Progressivo. Para Martins (1996, p. 22), é nesse movimento regressivo-progressivo que se descobre que as contradições sociais são históricas. Para ele, a descoberta das relações sociais contraditórias passadas e que

coexistem no presente possibilita a compreensão de que essas contradições não foram resolvidas.

Assim, a compreensão das relações sociais atuais constituídas do fator historicidade buscando-se no passado os fatos pontuais que contribuíram para a realidade entende-se que é essencial para a análise do fenômeno estudado.

3. AS MANADAS DE GADO NO SUL DO BRASIL E O CICLO DO COURO

O surgimento de estâncias criatórias de gado vacum, muar e cavalar se deu por ordem dos padres da Companhia de Jesus aos indígenas catequizados nas reduções do Paraguai. Em solo gaúcho, a fundação dessas Missões, em sua primeira fase, se deu a partir de 1626, com dezoito reduções. Para Muradás (2008, p. 116) foi o padre Cristóbal de Mendoza que introduziu o gado na província do Tape (atual Rio Grande do Sul) em 1634.

A existência de imensas manadas de gado solto entre o rio Jacuí e Colônia do Sacramento, o “gado dos padres”, já tinha sido comunicada às autoridades portuguesas desde “as primeiras décadas da segunda metade do século XVII” (Hameister, 2002, p. 71), mas já que o ciclo do ouro ainda não havia começado, a coroa portuguesa não mostrou interesse em explorar esse gado, que continuou a ser criado pelos indígenas.

Os bandeirantes paulistas adentraram o atual território gaúcho a partir de 1635, mas à procura de indígenas cristianizados, a fim de serem escravos nos engenhos de açúcar no Nordeste. Parece impossível que estes Bandeirantes não tivessem visto imensas mandas de gado bravio pastando nos campos, mas por impossibilidade, não conseguiram conduzir esse gado para São Paulo.

O ataque ininterrupto desses Bandeirantes aos povos missioneiros do Rio Grande do Sul, fez com que os padres recuassem seus povoados até a margem ocidental do rio Uruguai (atual Argentina) em 1641. O gado permanece no estado, ao sul do rio Jacuí e Ibicuí, criando-se solto. Os Jesuítas só voltariam a fundar povoados no Rio Grande do Sul em 1682, com apenas sete reduções.

A fundação da Colônia do Sacramento em 1680, fez surgir em seus habitantes a ideia da extração do couro e da carne de gado para seu sustento. A Coroa Portuguesa não tardou em criar um quinto sobre a extração do couro, em 1699. A cal, oriundo de conchas marinhas ou rochas ácidas, era usada para desidratar mais rápido o couro.

A abertura dos Caminhos de Tropeiros no Rio Grande do Sul começou a partir de 1703, com o Caminho da Praia, sempre com a função de arrebanhar gado bovino, muar e cavalar da Vacaria do Mar e levar a pé até Sorocaba (SP). O Tropeirismo persistiu até 1736, pelo menos.

Com a fundação da Vila de Rio Grande em 1737, agora os contrabandistas de couro possuíam uma saída para o mar em território gaúcho. No entanto, a partir do surgimento das charqueadas em Pelotas (a partir de 1780) e a partir de 1786 em solo uruguaio, a “era do couro” foi sendo substituída em favor da era do charque.

No tempo das “coureadas”, esse produto fruto do contrabando era escoado para o centro do Brasil via porto de Colônia do Sacramento, Castilhos ou outros portos clandestinos (Hameister, 2002, p. 115) até o Rio de Janeiro e Europa. Se, embarcados clandestinamente, tinham o destino da Inglaterra.

Hameister (2002, p. 72) nos esclarece que nesta fase primitiva do abate do gado em solo gaúcho e uruguaio,

[...] eram extraídos, o couro e os sebos, produtos de grande importância para a vida cotidiana. Dos sebos eram feitos os sabões, as velas e certos combustíveis. Também eram feitas as graxas para impermeabilização dos couros e tecidos para os velames de embarcações. Dos couros, calçados, parte do mobiliário e vestimentas. Pequenas embarcações e selas para a montaria. As barracas de campanhas militares e de acampamentos de viajantes. Os toldos de carretas. As bolsas para transporte de produtos vários. Os invólucros de mercadorias de exportação como o tabaco eram, muitas vezes, o próprio couro curtido e impermeabilizado com os sebos também extraídos dos bovinos.

Além disso, o couro também servia para “fazer casa, canoa, cadeira, cama, telhado, arreios, calçado, caneco” (Costa, 2004, p. 50).

Nestas passagens acima conclui-se que o couro foi matéria-prima essencial para a sociedade capitalista europeia no Prata. Nesta fase da exploração econômica primitiva, retirava-se o couro do gado, e o restante do animal (como a carne) era deixada para apodrecer no meio do campo, por impossibilidade de transporte.

Não tardou para que a sociedade platina criasse pessoas, funções e ocupações ligadas à lida campeira, e diretamente ao trato bovino. Ferreira Filho (1974) define dois tipos sociais agindo nos Pampas: o Faenero e os Changadores.

Os Faeneros eram as pessoas que caçavam o gado xucro ou chimarrão, para aproveitar o couro e o sebo. Muradás (2008, p. 143) os definem quando estes pagavam impostos pela courama. Já os Changadores eram os “habitantes clandestinos da campanha, aliados dos charruas, que recusavam qualquer obediência ao governo castelhano de Buenos Aires” (Ferreira Filho, 1974, p. 22). Muradás (2008, p. 143) diz que os changadores ou contrabandistas eram assim definidos quando vendiam o couro e o sebo aos piratas franceses no litoral, entre Maldonado e Castilhos Grande.

Muradás (2008) também comenta que os changadores “produziam graxa e courama, comercializando-as com navios portugueses, ingleses e franceses entrados no estuário”. Essas pessoas “preferiam viver sem fazer nada, de forma nômade, alimentando-se do que a Vacaria do Mar dava” (Muradás, 2008, p. 142).

Desse modo, percebe-se que a sociedade indígena-europeia que nascia no Prata estava criando suas divisões sociais e culturais.

4. O SURGIMENTO DO GAÚCHO

Entre a fundação da Colônia do Sacramento em 1680 e a criação oficial dos quatro primeiros municípios gaúchos em 1809, os confins da América do Sul foram marcados pela efemeridade dos Tratados de Paz e pela criação de uma figura social típica: o gaúcho.

Indivíduo esquecido pela civilização europeia nas pastagens do sul da América, este gênero de vida desenvolveu-se na Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, permeado pelas disputas geopolíticas entre Portugal e Espanha e se ocupando na caça ao gado xucro e à obtenção do couro, inicialmente, ao contrabando na fronteira e à posterior obtenção do charque.

Costa (2004, p. 86-87) descreve esse tipo errante do seguinte modo:

Fora das estâncias, uma população errante de homens sem lei dominava os campos: índios evadidos das missões, desertores dos exércitos, contrabandistas, caçadores de couros, escravos fugidos, aventureiros e malfeitores de toda a espécie. Eram chamados faeneros, corambreros,

changadores, índios vagos, gaudérios e, mais tarde, gaúchos. Formavam bandos que cortavam os campos em todas as direções. Junto com o roubo de gado, raptavam as índias e muitas vezes assaltavam as estâncias para roubar as mulheres brancas ‘muy escasas’ na Campanha. As partidas em geral eram mistas – rio-grandenses e uruguaios acompanhados de índios atacavam tanto de um lado quanto de outro.

Reverbel (1996, p. 37) também comenta que,

Além dos desgarrados das Missões e outros representantes da população indígena, dos chamados ‘gaudérios’ e uns tantos tropeiros e desertores, o povoamento do território rio-grandense e, conseqüentemente, a composição étnica em cujo quadro surgira o tipo social do gaúcho, teve nas suas bases elementos dispersos das antigas bandeiras e outros contingentes paulistas, bem como, de modo mais orgânico, retirantes da colônia do Sacramento, migrantes de Laguna (em geral de descendência paulista), soldados da tropa de Silva Paes (lusos, cariocas, mineiros, baianos) e os decantados casais açorianos.

Reverbel (1996) define três tipos de gaúchos: o argentino, o uruguaio e o rio-grandense. Todos tendo traços em comum: seu surgimento nas áreas pampeanas (de Savanas e Coxilhas), o cavalo e o boi, a carne assada e o mate amargo, o couro e o sebo, e o contrabando. A única diferença ficaria a cargo da indumentária típica, bem diferente nos três espaços. O autor também comenta que o tipo social do gaúcho começou a esboçar-se com a primeira fundação de Buenos Aires, em 1536, chegando ao Rio Grande do Sul após 1680, sob a influência dos mesmos fatores: pastagens abundantes e enormes rebanhos bovinos sem dono.

Muradás (2008, p. 142) cita que este novo tipo social foi fruto da colonização ibérica na América. Este cruzamento étnico, de mãe indígena e pai europeu, tem seu primeiro registro em Santa Fé (Argentina) em 1617, quando “mozos perdidos”, vestidos de forma semelhante aos indígenas Charruas (com botas garrão de potro, chiripás e poncho), assaltavam as estâncias de gado.

Ainda cita que o cabildo de Buenos Aires registrou, em 1642, cuatrereros e vagabundos, que roubavam o gado das estâncias. Da mesma forma, uma carta dos padres jesuítas citava os vagos ou vagabundos pilhando as estâncias missioneiras em 1686. Em 1700 aparecem registros de changadores na Vacaria do Mar, assim como em 1705 perto de Montevideu (Muradás, 2008, p. 142).

Quanto à origem da palavra gaúcho, esta é bem diversificada. Muradás (2008, p. 143) salienta que em 1746, no interior da Campanha rio-grandense surgiram os termos gaudério e pilhadores, aquele indivíduo que acompanhava os exércitos ao longe,

substituindo o termo changador (existente desde 1729). Nessa época, Gaudério significava o indivíduo divertido, folgado.

Muradás (2008, p. 144) comenta que a palavra gaúcho foi assim definida pelas autoridades espanholas: “das gentes que se empregam em fainas de matança de reses ... tiram seus couros e negociam com os portugueses do Rio Grande, que os recebem em troca de bebidas, tabaco negro e algumas roupas”.

Viajantes pela América do Sul também fizeram uso da palavra por volta de 1770 (Muradás, 2008, p. 143). Em 1820 Saint-Hilaire diferenciou o campeiro, como o indivíduo que trabalhava nas estâncias, e o gaúcho, pilhador, ladrão que não entendia o significado de pátria.

Costa (1988), ao fazer um amplo estudo da identidade gaúcha, chega à conclusão que a paisagem física (relevo, clima, solo e vegetação) da “região” da Campanha, aliado a um estilo de vida próprio (o gaúcho pampeano) gerou um “gênero de vida” específico “representado pela criação de gado em suas grandes propriedades campestres, a herança cultural lusa e espanhola e as práticas tradicionais do gaúcho” (Costa, 1988, p. 16).

A identidade regional do gaúcho, aqui definida como o “conjunto de valores através dos quais um grupo social se reconhece e se identifica em determinado nível como pertencente a um território geograficamente comum (a região)” (Costa, 1988, p. 27) construiu-se, dessa forma, em três etapas: a etapa formadora (século XVIII a 1830), a etapa da consolidação regional (de 1830 a 1870) e a etapa da redefinição e crise regional (1870 a 1930).

Costa (1988) também salienta que a Campanha Gaúcha, este território idolatrado pelos Tradicionalistas, se definiria melhor como uma região, na Geografia. Ao dizer que “se a região existe, é um espaço vivido” (Costa, 1988, p. 20), pois ela compreende elementos administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, psicológicos, adquiridos e construídos pelo ser humano ao longo das gerações.

Ao ser um espaço intermediário entre a nação e o lugar, a Região seria o espaço mais apropriado para desenvolver o sentimento topofílico. Por fim, para Costa (1988), a região seria

um espaço (não institucionalizado como Estado-nação) de identidade ideológico-cultural e representatividade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco

regional de classe que nele reconhece sua base territorial de reprodução (Costa, 1988, p. 25).

Desse modo, percebe-se a região da Campanha Gaúcha não somente como uma região fisiográfica ou cultural, mas sim como uma região no sentido mais amplo do termo geográfico, como uma das cinco categorias de análise da ciência geográfica.

Costa conclui seu estudo ao dizer que o gênero de vida do gaúcho desapareceu quando do cercamento definitivo dos campos, entre 1870 e 1880. Essa população errante, vagabundo dos campos, se integra à sociedade em formação, não só nas estâncias, como peões e capataz, mas nos pequenos povoados também e nas fileiras dos exércitos coloniais e pró-independência.

Por fim, concluímos que, se a segunda fundação de Buenos Aires (a que vingou) se deu em 1580, percebemos que os mozos perdidos seriam a primeira ou segunda geração de mestiços nascidos na América (pai espanhol e mãe charrua).

Este tipo social (ou gênero de vida) espalhou-se pela região platina, especialmente ao longo do século XVIII, caçando o gado bravio e extraindo-lhe o couro e graxas. Além de assaltar estâncias, roubando gado, muares, equinos e até mesmo as mulheres brancas europeias. Tudo isso nos faz crer que o changador, mas tarde definido genericamente por gaúcho, era o marginalizado de uma sociedade latifundiária pecuarista em formação.

5. O SURGIMENTO DE DON PEDRO DE ANSOATEGUI

No final do século XVIII o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina estavam palmilhados por grupos de gaúches, os ladrões de gado. Dom Pedrito é um município gaúcho que foi fronteira entre Portugal e Espanha pelo Tratado de Madri (1750), Santo Ildefonso (1777) e Badajóz (1801). Foi justamente nesse período, fins do século XVIII, que cresceu em importância a figura regional de Don Pedro de Ansoategui.

História orais perpetuadas pela cidade de Dom Pedrito contam que esta foi uma povoação iniciada por um desertor espanhol, fidalgo, chamado Don Pedro de Ansoategui, popularmente apelidado por Don Pedrito, devido à sua estatura alta e magra e à sua descendência fidalga. Para Lopes (1972, p. 3), Ansoategui era um fidalgo espanhol

cuja família fundou casa senhorial em Biscaia, no século XVI, na antiga paróquia de San Andrés de Echevarría, sendo este descendente de Domingo Ansoategui.

Para Lopes (1972, p. 89) Ansoategui se viu isolado na Campanha gaúcha na época das invasões espanholas ao Rio Grande do Sul (1763 a 1776). Entre 1770 e 1800, acredita Lopes (1972) que Ansoategui teria desertado do exército espanhol a serviço no Prata e, com um grupo de cerca de outros doze renegados e suas mulheres Charruas e Guenoas, construiu meia dúzia de ranchos (com armação de madeira e as paredes, janelas e portas de couro) na margem esquerda do rio Santa Maria e se dedicou a vender couro e graxa aos portugueses do Brasil e do Uruguai, em troca de fumo e manufaturas portuguesas. Para Bento (2001, p. 3) foi no período entre 1801 e 1809 que se fixou em Dom Pedrito o contrabandista de origem espanhola Pedro Ansuateguy.

Lopes (1972, p. 10) conta que histórias orais locais apontam para o nome de Vecino, um dos companheiros de Ansoategui, que morreu em combate como soldado do capitão Antonio Garcez de Moraes (1781-1843), nos Dragões do Rio Pardo. Percebemos, no entanto, que a história de Ansoategui pela Campanha Gaúcha começou antes dele se estabelecer às margens do rio Santa Maria. Ao estudarmos a origem desse grupo social, os contrabandistas, notamos que estes eram formados, principalmente, por soldados desertores da Espanha ou Portugal, que não recebiam seus salários.

Torna-se imprescindível atrelar a história do forte Santa Tecla, na atual Bagé, com Ansoategui. Desde a construção do forte, iniciado em fins de 1773, pelos Espanhóis, já se registrava deserções e a ajuda de indígenas para com os Espanhóis. No entanto, este baluarte foi tomado por forças portuguesas, lideradas pelo Coronel Rafael Pinto Bandeira, em 1776, e no dia seguinte foi derrubado. E em 1778 foi reconstruído pelo exército espanhol, para finalmente ser conquistado pelas forças portuguesas em 1801.

Rotermund (1981, p. 15) comenta que os soldados espanhóis fugidos do forte Santa Tecla em 1776 passaram a viver espalhados pelo território em conflito, opondo resistência esporádica aos Portugueses. Supõe-se que seja neste episódio de retomada do forte a favor de Portugal, que houve o início da “amizade” entre Rafael Pinto Bandeira e Don Pedro de Ansoategui.

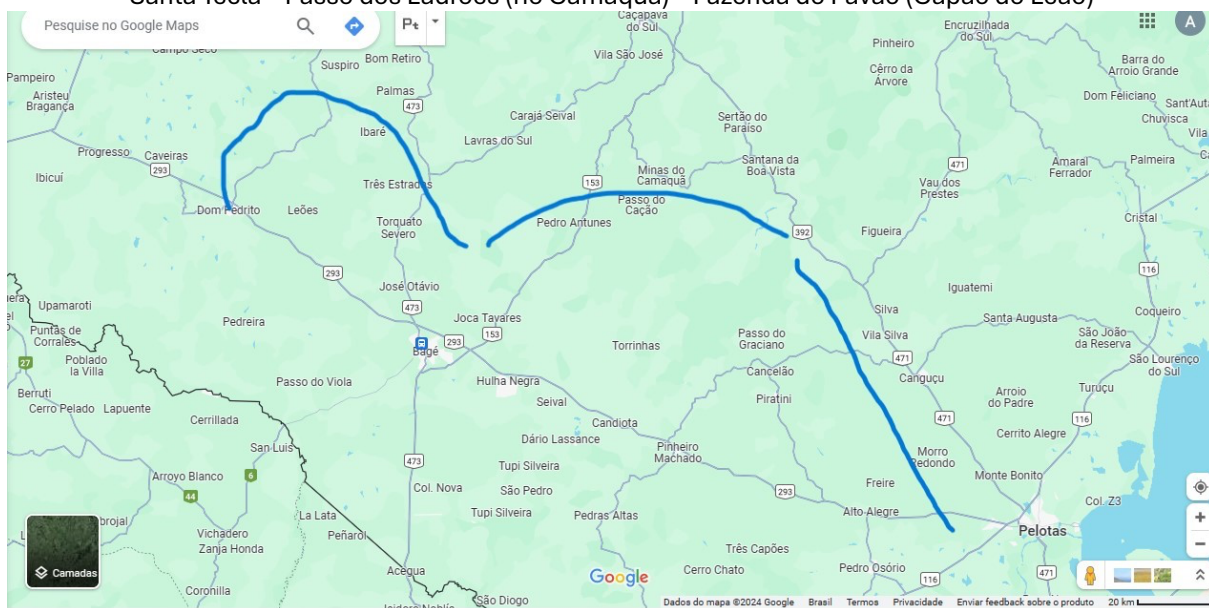
Gil (2002, p. 113-114), ao comentar a atuação dos contrabandistas na fronteira do Rio Grande e de Rio Pardo no século XVIII, cita explicitamente a atuação de Dom Pedrito e seus serviços com Pinto Bandeira, então governador do Rio Grande do Sul. Comenta

que na devassa realizada pelo Vice-Rei do Brasil em 1787, foi tomado o depoimento do furriel de Dragões Antonio Pinto da Fontoura, em 24 de novembro de 1787. Este relatou às autoridades portuguesas que ao longo dos trabalhos de demarcação do Tratado de Santo Ildefonso (entre 1784 e 1788), às margens da Lagoa Mirim, foi avistado “um espanhol por nome D. Pedro, o qual levava alguns escravos pertencentes ao dito coronel Rafael Pinto Bandeira”.

A seguir, comenta que “é provável inclusive que o referido D. Pedro se tratasse de Pedro Ansoategui, também conhecido como Don Pedrito, citado como um dos maiores changadores da Banda Oriental em 1790” (Gil, 2002, p. 114). O autor ainda salienta que Dom Pedro (comprador de escravos) fez parte do “bando” de Rafael Pinto Bandeira.

Presume-se, por este relato, que Ansoategui percorria os campos rio-grandenses e uruguaios com frequência. A Estância em questão deveria ser a Estância do Pavão, no atual Capão do Leão, que ia até as margens do Canal São Gonçalo, próximo ao rio Piratini (Figura 1).

Figura 1 – Rota provável utilizada por Ansoategui: Passo de Dom Pedrito – Passo do Taquarembó – Forte Santa Tecla – Passo dos Ladões (rio Camaquã) – Fazenda do Pavão (Capão do Leão)



Fonte: google maps. Editado pelo autor em 24 jan. 2024.

No entanto, segundo Gil (2002) relata, Ansoategui era próximo do governador do Rio Grande do Sul na época, Pinto Bandeira, que governou entre 25/01/1784 e 1788, e depois entre 1790 e 9/4/1795 (data de sua morte). Militar de carreira dos Dragões do Rio Pardo, Pinto Bandeira já era filho de um militar-estancieiro, Francisco Pinto Bandeira, um dos primeiros povoadores dos campos de Viamão. Rafael Pinto Bandeira ingressou nas

fileiras dos Dragões do Rio Pardo, aos 14 anos, em 1754, e participou de todas as batalhas do Rio Grande do Sul até 1777.

Durante a Guerra de Restauração no Rio Grande do Sul (1763-1776), Pinto Bandeira adquiriu notável reputação militar. Pinto Bandeira se destacaria como líder guerrilheiro da resistência portuguesa no Rio Grande do Sul, com os Dragões do Rio Pardo, pois este tinha “em seu cérebro todo o mapa do Rio Grande do Sul”. Suas ações eram legalizadas pela coroa Portuguesa, já que a Junta Governativa do Rio de Janeiro havia ordenado, em 6 de junho de 1763, que a luta de retomada do Rio Grande do Sul das mãos dos Espanhóis seria feita através de guerrilhas.

A base dessas guerrilhas estava nas Serras dos Tapes (atual Canguçu), e na Serra do Erval (atual Encruzilhada do Sul), mas Pinto Bandeira estava lotado no forte de Rio Pardo (junto aos Dragões). Assim, entre 1775 e 1776 Pinto Bandeira foi o principal responsável pelas ações guerrilheiras que expulsaram os espanhóis do forte São Martinho e Santa Tecla, além de fazer constantes ataques guerrilheiros contra o exército espanhol estacionado em qualquer paragem.

Além disso, ele e seu bando contrabandearam gado, apropriaram-se de terras, trucidaram, aprisionaram e expulsaram nativos e castelhanos, amedrontaram seus companheiros, e, para a Coroa portuguesa, conquistaram e reconquistaram território. Quando Pinto Bandeira acampou nas proximidades do forte Santa Tecla, iniciando seu cerco, este relata em carta a Luiz Ramirez (comandante do forte), em 1 de março de 1776, que já tinha aprisionado sete soldados e 26 índios, que relataram tudo que havia no forte: inclusive a presença de vários Beledengues (Taborda, 1951, p. 9). Na mesma carta, Pinto Bandeira fala que “da gente que estava por fora [do forte] escapar-se-iam 40 homens, entre Castelhanos e índios, uns tomaram para Montevideo, e outros para as Missões” (Taborda, 1951, p. 10).

Assim, pela proximidade geográfica entre o forte Santa Tecla e as nascentes do rio Santa Maria e seus afluentes, é possível fazermos uma relação entre a deserção de Ansoategui do forte Santa Tecla e sua instalação em um passo do rio mais caudaloso na proximidade: o Santa Maria. A partir de um certo momento, após 1776, Ansoategui escolheu um passo à margem esquerda no rio Santa Maria (sabendo que ali ainda seria território espanhol) para edificar meia dúzia de ranchos de couro e assim contrabandear do Uruguai para o Rio Grande do Sul.

Este, ainda sabendo que a Coroa Espanhola flexibiliza a exportação e o comércio entre as outras províncias ao seu redor a partir de 1778, quando seus súditos são autorizados a comercializar livremente com os vizinhos do Prata, por meio do regulamento do comércio livre, Ansoategui então tem carta branca da coroa espanhola para negociar com qualquer pessoa ou empresa de qualquer nação. A fim de iludir os guardas espanhóis da fronteira, em um período que se presume antes de 1778, Ansoategui, certo de sua atividade criminosa, andava por lugares ermos. Perseguido pelas autoridades espanholas, precisou várias vezes abandonar seus ranchos e refugiar-se em outros lugares.

Notemos que Ansoategui transitava pelos Campos Neutrais, estipulados pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), e em vigor até 1801. A linha neutra tinha largura de, em torno de uma légua, nas cercanias da Estrada Geral, que ligava Aceguá a Santa Maria, passando pelas nascentes do rio Negro, Camaquã e Santa Maria, e ainda pelo forte Santa Tecla (em Bagé) e as localidades de Bolena e Coxilha de São Sebastião (futuro Distrito pedritense de Torquato Severo).

Outro espaço neutro ficaria entre as nascentes do rio Negro (Bagé), o rio Jaguarão e o rio Piratini, e a Lagoa Mirim. Nesses campos Pinto Bandeira incentivava a sua povoação (ilegal) através de estâncias, guardas ou acampamento militares.

Costa (2004, p. 87) dá fundamental contribuição ao estudo sobre Ansoategui. Ele comenta que

O comandante da guarda aduaneira de Montevideu, Cipriano Mello, num relatório de [16 de julho de] 1790, acusa Rafael Pinto Bandeira de ter vários desses bandos [gaúchos ou gauches] a seu serviço, adquirindo os couros que eles recolhiam na Banda Oriental em troca de aguardente, tabaco e roupas. 'Esos gaúchos baqueanos no tienen más pátria que su conveniência', diz Mello. Um desses gaudérios, célebre por suas tropelias na fronteira e mencionado pelo comandante aduaneiro, é Pedro Ansuástegui, mais conhecido por Dom Pedrito. Era 'basco de elevada estatura' e foi por certo tempo chefe de uma partida a serviço de Pinto Bandeira. Depois, estabeleceu-se por conta própria com uma casa de comércio numa passagem do rio Santa Maria. Em torno de sua venda formou-se um povoado, que tomou seu nome. Hoje, é a cidade de Dom Pedrito.

Assim, temos duas referências históricas a Ansoategui: em 1784 e em 1790. O período que se segue ainda apresenta-se pouco nebuloso.

Bento (2001) diz que em um mapa existente na diretoria de patrimônio do exército, os demarcadores de Santo Ildefonso assinalaram em 1792 um povoado nos rincões do que é hoje o município de Dom Pedrito. Além do mais, assinalaram também um caminho

que ligava o forte de Santa Tecla e o povoado de Dom Pedrito. Esse caminho pode ser definido por Estrada Real no mapa de 1880, disponível no Museu Municipal Paulo Firpo.

É possível que, em algum momento, Ansoategui teria se reincorporado ao exército espanhol. Esse momento parece ter sido entre 1795 (morte de Pinto Bandeira) e 1797, com a sua provável incorporação ao Cuerpo de Blandengues dela frontera de Montevideu, criado em 7 de dezembro de 1796; diferentemente do Cuerpo de Blandengues de la Frontera de Buenos Aires, que havia sido fundado em 1751. Seu objetivo era combater justamente os ladrões de gado e índios infiéis. Nada melhor do que os próprios contrabandistas, agora anistiados, que conheciam o território do Prata muito bem, para fazer tal serviço.

Em fevereiro de 1797, o governador de Montevideu, Antonio Olaguer Feliú, concedeu indulto a favor dos contrabandistas e desertores que estavam vagando pela Banda Oriental, a fim de engrossar o Cuerpo de Blandengues. Ansoategui poderia se tornar um deles.

Medeiros (2016, p. 137) cita um exemplo dessa “conversão” de um antigo ladrão de gado para militar. O autor cita o caso de “Pepe” Artigas, que era um contrabandista frequentemente citado pelas autoridades espanholas, e que ingressou no Cuerpo de Blandengues. Para este autor, este “Pepe”, el ladrón, nada mais era que o então futuro General Artigas, grande líder da independência Uruguiaia.

E ainda mais: Artigas serviu no corpo de Blandengues com Felix Azara, o fundador de São Gabriel (población de Batovi). Assim, na guerra de 1801, os dois militares foram responsáveis pela defesa das guardas de Batovi (São Gabriel), Santa Tecla (Bagé) e Melo (Uruguai). Se Ansoategui incorporou-se aos Blendengues, poderia ele estar junto a esses dois militares. Somente em 1801 Azara retorna à Espanha.

Presume-se que Ansoategui, ao retornar para o exército espanhol, ficou transitando entre a guarda do Santa Maria, em seu próprio passo, até a guarda do Batovi (futura povoação de São Gabriel), sob o comando do Tenente-Coronel José Quintana. Este posto foi usado na Guerra de 1801, quando Patrício Corrêa da Câmara repeliu o chefe castelhano José Quintana, quando este tentava transpor o rio Santa Maria, com o intuito de atacar Rio Pardo (FERREIRA FILHO, 1974, p.61). Mas, ao final da guerra, Patrício Corrêa tomou das mãos dos espanhóis esta guarda fronteira, forçando os militares a recuar ao forte de Melo (Uruguai).

Mas no povoado, que já existia desde 1792, ficaram algumas famílias civis, provavelmente descendentes dos companheiros Charruas e Guenoas de Ansoategui, e de alguns militares espanhóis.

Aqui cabe explicarmos um pouco mais sobre as guardas militares na fronteira luso-espanhola após 1777. A partir de 1778 notamos um expressivo aumento de tais guardas em ambas as fronteiras ibéricas na América. Para Camargo (2010, p. 67) as Guardas eram “pequenos postos avançados, quando muito protegidos por pau-a-pique ou por paliçadas de madeira”, construídas por diversos materiais, de acordo com sua importância, terreno e recursos disponíveis.

Essas guardas tinham um efetivo reduzido: geralmente, de três a oito homens. A guarda tinha a função de “coibir o contrabando, evitar correrias e arreadas, dar primeiro fogo ao eventual inimigo e avisar as principais posições defensivas da iminência de alguma invasão” (Camargo, 2001, p. 95).

As guardas portuguesas se baseavam no policiamento constante, “a cavalo, bem como, a manutenção de partidas, em caráter temporário, nos principais passos de rios e nos trechos de fronteira seca” (Camargo, 2001, p. 96). No entanto, as guardas portuguesas, diferentemente da espanholas, muitas vezes, faziam vistas grossas à passagem de contrabandistas uruguaios às terras portuguesas, pois essa riqueza beneficiava a economia do Rio Grande do Sul, tornando-se, assim, em “espaços privilegiados de transposição de mercadorias e de negociação de propinas” (Camargo, 2010, p. 75).

Para Camargo (2010, p. 74) as guardas portuguesas totalizavam apenas 210 soldados, nos seguintes postos: guarda do Albardão, guarda do Taim, guarda volante desde a boca do Arroio Grande até a costa do Salso, guarda do passo do Arroio Grande, guarda de São João do Erval (Herval), Guarda de Santo Antonio da Coxilha, guarda de São José da Coxilha.

Já as guardas espanholas eram: Santa Teresa, São Miguel, Ariedondo, San Antonio ou Quilombo, Melo ou Cerro Largo (URU), São José (no rio Jaguarão Chico), Santa Rosa (entre vertentes do rio Jaguarão), Santa Tecla (Bagé), Taquarembó, Batovi (São Gabriel), San Martin (São Martinho da Serra).

Por fim, ressalta-se aqui a importância histórica de um gaúche ou ladrão de gado, Don Pedro de Ansoategui, e suas ações no final do século XVIII, na região de Dom Pedrito,

Bagé e São Gabriel. Ressaltamos aqui que estas atividades de contrabando e escambo com portugueses, ingleses e franceses eram comuns à época, e muitas vezes, tolerados pelas autoridades portuguesas, mas não as espanholas.

Sendo assim, Ansoategui ilustra aqui apenas mais um exemplo dos mozos perdidos em território platino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho debruçou-se sobre uma figura histórica e sua herança cultural sobre um espaço geográfico em específico. Após a análise das obras aqui elencadas, conclui-se que Don Pedro de Ansoategui, responsável pelo povoamento inicial do Passo de Dom Pedrito, que daria origem à cidade, foi um típico representante da figura social dos changadores, faeneros, ladrões de gado ou contrabandistas, típicos do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina no século XVIII.

Este representava, juntamente com seu grupo marginal de indígenas charruas ou guaranis, fugitivos das reduções, um grupo social marginalizado perante a sociedade elitista pecuarista em formação no Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. Numa terra sem fronteiras definidas, com poucos donos, viver de “changa” (biscates), em uma aventura quase solitária de um dia após o outro, sem obedecer a nenhum patrão ou rei, era o auge da rebeldia e aventura humana.

Por fim, esse grupo marginalizado foi sendo aos poucos aceitos pela sociedade pecuarista.

Em um primeiro momento, os gaúchos, hábeis com o cavalo, começaram a ser utilizados nos vários conflitos da região pampiana. O corpo dos Blandengues, parte do exército espanhol, concedeu anistia a estes changadores a partir de 1797, demonstrando reconhecimento às suas atividades, bem como nos afirma Muradás (2008), à sua destreza de ginete, à sua resistência à fadiga e penúrias, a seu amor pela liberdade, a seus valores pessoais e à sua lealdade a seu caudilho.

A guerra de 1801, a guerra de independência da Argentina (após 1810) e do Uruguai (na década de 1820), além da Revolução Farroupilha (1835-1845) só reforçaram a importância deste grupo social que conhecia muito bem o espaço platino e sua gente.

Terminadas as guerras, o gaúcho foi sendo utilizado para trabalhos braçais nas estâncias, como peões, que faziam todo tipo de trabalho. Mas aí já transcorria a segunda metade do século XIX. No Uruguai, o gaúcho é um símbolo nacional. Na Argentina, ele é uma figura controversa. No Rio Grande do Sul, a elite pecuarista apoderou-se de sua história, a partir de Revolução Farroupilha, e a incorporou para a sociedade, como sendo o ídolo máximo da identidade regional.

Por fim, podemos elaborar um histórico da figura controversa de Ansoategui em suas andanças pela Campanha Gaúcha.

Aqui concluímos que este estava incorporado ao exército espanhol no Prata entre 1763 e 1776. Deduzimos que este desertou do forte Santa Tecla em 1776, quando da sua provável aliança com o líder dos Dragões do Rio Pardo, Rafael Pinto Bandeira.

A partir da elevação de Pinto Bandeira a governador da capitania do Rio Grande de São Pedro (1784), Ansoategui fica livre, com a anuência deste e das guardas fronteiriças portuguesas (como a que estava no Passo dos Ladrões, atual Passo das Carretas, em Santana da Boa Vista), para contrabandear couro ao lado português, em troca de fumo, escravos e outros artefatos portugueses, que Ansoategui levava para seu comércio às margens do rio Santa Maria. Sua importância e fidelidade eram tão grande perante Pinto Bandeira, que Ansoategui chegou a ser chefe de uma de suas partidas pelo Pampa.

Entre 1784 e 1797 Ansoategui somou duas funções sociais: continuava a contrabandear couro para Pinto Bandeira e trazia para seu comércio no passo do rio Santa Maria, produtos portugueses, como roupas, fumo, louças, etc.

Em 1792 já existiu um povoado em torno de sua casa comercial. Mesmo que Pinto Bandeira tivesse falecido em 1795, Ansoategui provavelmente diminui suas atividades ilícitas, pois já não teria a conivência veemente das novas autoridades portuguesas.

Assim, resolve ele reincorporar-se ao exército espanhol no Prata, agora ao Cuerpo de Blandengues de la frontera del Uruguai, em 1797.

Presumimos que, de 1797 a 1801, Ansoategui combateu contra os Portugueses, ficando seu campo de atuação ao território que ele conhecia: desde a Lagoa Mirim até o rio Santa Maria, e ainda Santa Tecla e Batovi, sob ordenança do Coronel José Quintana.

Com a tomada de todas as guardas espanholas pela coluna de Patrícia Corrêa da Câmara na guerra de 1801, presume-se que Ansoategui voltou com seu exército ao forte de Melo (Cerro Largo), tendo voltado ou não à Europa com Félix de Azara no mesmo ano.

7. REFERÊNCIAS

- BENTO, Cláudio Moreira. **Contribuição à história de Dom Pedrito**. Dom Pedrito: [s. n.], 2001.
- CAMARGO, Fernando. Guardas militares ibéricas na fronteira platina. In POSSAMAI, Paulo César. **Gente de guerra e fronteira: estudos de história militar do Rio Grande do Sul**. Pelotas: EdUFPel, 2010. p. 67-79.
- CAMARGO, Fernando. **O Malón de 1801**: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional. Passo Fundo: Clio, 2001. 351 p.
- CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul – Período Colonial**. 3 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002. 327 p.
- COSTA, Elmar Bonés da.; FONSECA, Ricardo; SCHMITT, Ricardo. **História ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004. 339 p.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.98 p.
- FERREIRA FILHO, Arthur. **História geral do Rio Grande do Sul**: 1503-1974. 4 ed. Porto Alegre: Globo, 1974. 285 p.
- GIL, Tiago Luís. O Bando de Rafael Pinto Bandeira em uma representação gráfica: uma tentativa de aplicação das social network analysis na história social. **Anais do I Colóquio do LAHES**. Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005.
- GIL, Tiago Luís. Infiéis Transgressores: os contrabandistas da fronteira (1760-1810). **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002. 224 p.
- HAMEISTER, Martha Daisson. O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c. 1727 – c. 1763). **Dissertação** (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2002.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 169 p.
- LOPES, José Antônio de Vargas Dias. **A cidade de Dom Pedrito**. Porto Alegre: Globo, 1972. 119 p.
- MARTINS, José de Souza (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. 151 p.
- MEDEIROS, Pedro Vicente Stefanello. Confuso labirinto: Um estudo sobre as bases da política agrária artiguista (1767-1815). **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2016. 238 p.
- MELO, Cipriano. Informe de D. Manuel Cipriano Melo. **Sobre la otra Banda, límites, fuertes y guardías**. Buenos Aires, 16 de julio de 1790. Disponível na Suprema Corte de Justicia de la Nación (México). Disponível em: <https://sistemabibliotecario.scjn.gob.mx>. Acesso em 29 jan. 2024.

MURADÁS, Jones. A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil. 2008. 328 p. **Tese** (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2008. 328 p.

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho**. 2 ed. Porto Alegre: L& PM, 1996. 112 p.

ROTERMUND, Harry. **História de Bagé do século passado**. Bagé: Academia Bageense de Letras, 1981.

TABORDA, Tarcísio Antonio da Costa. **Santa Tecla na história da conquista do Rio Grande**. Revista O Quero Quero. Bagé: [s.d.], 1951.

THE GAÚCHO AND THE SOCIAL ARCHETYPE OF DON PEDRO DE ANSOÁTEGUI

ABSTRACT

This paper presents a bibliographic review concerning the emergence of the social type known as the gaúcho. Beginning with earliest reports in 1617 in Argentina, the study outlines their activities in the Prata region. Building on this, it focuses on the historical role of one of these smugglers/gaúchos, Don Pedro de Ansoategui, popularly referred as Dom Pedrito in the 18th century. It was attempted to describe Ansoategui's actions in connection with the typical activities of the changadores operating in Prata, with emphasis on his partnership with Rafael Pinto Bandeira, the then-governor and military commander of Dragões do Rio Pardo. Based on Historical Geography, the research seeks to identify the emergence of the gaúcho social type, characterize Ansoategui's connections with these people and Pinto Bandeira, and reflect on his life and the gaúcho culture, beginning to take shape at that time. In its initial phase, the study concludes that Ansoategui deserted the Santa Tecla fort and subsequently began smuggling leather to trade for tobacco and slaves, directly collaborating with Pinto Bandeira. At the end of the 18th century, he rejoined the Spanish army, participating in the War of 1801 in Rio Grande do Sul, before returning to the fort at Melo shortly after.

Key Words: Gaúcho; Don Pedro de Ansoategui; Dom Pedrito; Rio Grande do Sul; Pinto Bandeira.

EL GAUCHO Y EL PERSONAJE PUBLICO DE DON PEDRO DE ANSOATEGUI

RESUMEN

Este trabajo hace un análisis bibliográfico respecto al surgimiento del tipo social del gaucha. De sus relatos iniciales, en 1617, en Argentina, se hace un reporte de sus actividades en la región del Plata. Con eso, enfocamos la actuación histórica de uno de esos contrabandistas/gauchos, titulado Don Pedro Ansoategui, comúnmente conocido en el siglo XVIII por Don Pedrito. Intentamos describir la actuación de Ansoategui con las actuaciones típicas de los changadores en actuación en el Plata, y, en especial, enfocamos su asociación con el gobernador del entonces y comandante militar de los Dragões do Rio Pardo, Rafael Pinto Bandeira. Con referencias de la Geografía Histórica, buscamos identificar el surgimiento del tipo social de los gauchos, caracterizar y hacer relaciones de Ansoategui con los gauchos y con Pinto Bandeira, además de reflexionar sobre ese género de vida, y la cultura gaucha que entonces empieza a desarrollarse. En una fase inicial, esta pesquisa ha concluido que Ansoategui abandonó el fuerte de Santa Tecla, y enseguida empezó a contrabandear cuero a cambio de tabaco y esclavos, directamente con Pinto Bandeira. Al final del siglo XVIII se reincorporó al ejército español, aun participando de la guerra de 1801, en Rio Grande do Sul, regresando al fuerte de Melo, luego enseguida.

Palabras-Clave: Gaucho; Don Pedro de Ansoategui; Don Pedrito; Rio Grande do Sul; Pinto Bandeira.

Enviado em: 07/12/2024

Aceito em: 09/09/2025